

Ambulatório fecha cedo

Um ambulatório, com um pediatra e um clínico geral, é toda a infra-estrutura de saúde colocada a serviço da população do bairro. O atendimento começa normalmente às 8 horas e, às 15 horas ninguém mais pode ficar doente, pois, para ser atendido, é preciso deslocar-se até o bairro de Itacibá, ou Vitória. Os moradores, que já receberam a promessa até de construção de um centro de saúde, não querem tanto. Querem apenas um pronto-socorro funcionando dia e noite.

Sem nenhum meio de comunicação para solicitar a presença de algum médico ou ambulância, os casos de doença surgidos após as 23 horas, quando o transporte coletivo pára de funcionar, muitos vezes resultam em morte. Vandélino Francisco de Jesus, diretor do grupo de esporte e lazer do bairro, contou que vários casos de morte já ocorreram no local por falta de atendimento médico.

E acrescentou que tentou, recentemente, buscar socorro para atender a uma mulher em trabalho de parto, mas quando voltou trazendo a ambulância a parturiente já havia dado à luz a criança. Segundo Jorge Barroso Telles, o secretário da Saúde, Douglas Puppim, já anunciou um projeto para construção de um centro de saúde no local, dependendo apenas de verbas para início das obras. Entretanto, ele disse que "um pronto-socorro já seria a realização de um grande sonho".

No ambulatório, o atendimento é feito mais pelo esforço pessoal dos médicos do que pelas condições de que dispõem para trabalhar. Segundo Jorge Barroso, o pediatra recebe orientação para dar 16 consultas, mas chega a atender diariamente até 40 crianças. Os moradores não concordam que para uma população de 30 mil pessoas haja apenas dois médicos atuando em ambulatório para prestar a assistência devida.

Igrejas são mais de 70

Embora não deva estar dentro de seus objetivos, o fato é que as mais de 70 igrejas implantadas no bairro são motivos dos principais problemas enfrentados pela Associação de Moradores. Jorge Barroso Teles, da entidade, explicou que a maioria está ocupando lotes em áreas residenciais. E como são muitas, acaba uma em frente da outra — provocando discussões entre as inúmeras seitas e congregações.

O próprio pastor Floaldo Rodrigues Pereira confirmou que, por serem instaladas próximas umas das outras, muitos reclamam das igrejas. Ele é de uma das diversas convenções da Assembleia de Deus que existem no bairro, mas preferiu não entrar no mérito da questão.

O administrador de Itanhenga, Francisco Ramaldez, revelou que, das 70 igrejas que existem no bairro, 22 são da Assembleia de Deus. Ele reclamou que a maioria está ocupando lotes destinados a moradias e admitiu que muitas têm apenas interesses lucrativos na região. A culpa por tanta igreja, segundo afirmou, é do governo passado, que, através do ex-secretário do Bem Estar Social, Clóvis de Barros, disse que "quanto maior o número de igrejas, melhor".



Marilúcia espera a solução



A pavimentação é uma das reivindicações dos moradores

Só existe uma rua com calçamento

O bairro dispõe de apenas uma rua calçada, sem redes de esgotos, coleta de lixo precária, sem um telefone público e sem posto dos Correios. Os moradores têm esses serviços na pauta de reivindicações, mas acham que vão demorar muito para recebê-los.

Boa parte das centenas de ruas que cortam o bairro é transitável, embora de terra batida. Em várias, contudo, mesmo sem chover é impossível o acesso. Os motivos são muitos, dentre eles o terreno acidentado ou 'esburacado', que impede a passagem dos veículos. Em tempos de chuva, a maior parte das ruas fica intransitável.

Como não existe rede de esgotos, muitos

moradores abriram valas, ao lado do meio-fio, por onde escoam os detritos domésticos. Outros construíram fossas, sem contudo, manterem uma distância mínima das casas. Ainda dentro do aspecto do saneamento básico e higiene, outra questão que chama a atenção é a grande quantidade de fezes de animais espalhada pelas ruas, trazendo mal cheiro e doenças, sobretudo para as crianças, cuja maioria perambula descalça pelas ruas.

Há ainda os casos de ruas que sequer foram abertas e seus moradores estão à espera de que as máquinas passem por elas. Marilúcia Nunes de Carvalho mora numa dessas ruas. "Enquanto a

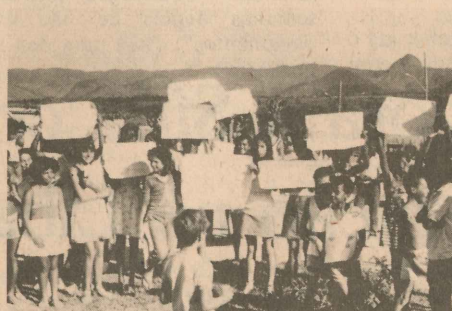
rua não for delimitada, a Escelsa não pode vir aqui colocar os postes. Na minha rua são mais de 15 famílias prejudicadas, à espera de que a máquina passe por aqui".

Uma outra questão que leva transtornos para quem tem que procurar alguma pessoa no bairro, é a total ausência dos nomes das ruas e o número das casas. As ruas são identificadas por números, mas isso só na planta do bairro, pois não existem quaisquer placas indicativas.

O lixo espalhado também é outro problema para o bairro. O recolhimento é precário e os moradores preferem deixá-lo amontoado pelas esquinas e lotes vagos.



Esta escola só poderia abrigar 600 alunos e já atende a 1.773



Os alunos exigem melhorias

Escolas já estão superlotadas

Duas escolas de 1º grau, com capacidade total para atender 1.230 alunos, e duas creches capacitadas para receber 60 crianças na faixa etária de seis meses a seis anos atendem, respectivamente 3.023 estudantes e 208 menores, caracterizando, com isso, a superlotação das escolas e a necessidade de novos estabelecimentos de ensino em Itanhenga.

No bairro existe a escola de 1º grau Zaira Manhães de Andrade, com capacidade para 600 estudantes e que hoje já atende a 1.773 alunos. Ela fica localizada em Itanhenga I, ao lado da delegacia de polícia e está em bom estado de conservação. Em Itanhenga II está a escola de 1º grau Teotônio Vilela, construída para receber 630 alunos, mas que, este ano, já tem matriculados 1.250 estudantes.

A creche Maria Rezende fica em Itanhenga I e a creche Lea Leal, na outra parte do bairro.

Atualmente, esses dois estabelecimentos já têm matriculadas 208 crianças entre seis meses e seis anos de idade. Mas, nem mesmo essas crianças conseguem ter sossego. A primeira já foi assaltada duas vezes, em que pese ficar a menos de 50 metros da delegacia de polícia. A outra teve menos sorte. Além de não ter delegacia por perto, já foi visitada pelos ladrões dez vezes. De lá, eles levam tudo, desde alimentos, destinados à merenda dos menores, até bujões de gás.

Os assaltos acabam prejudicando as mães das crianças. Segundo a moradora Alvina Costa e Silva, sem alimentos ou sem o gás para preparar a comida, as crianças não podem ficar nas creches. Assim, as mães ficam impedidas de irem para o emprego, já que as creches foram criadas para facilitar a vida das mães que trabalham fora. Várias mães já perderam o emprego, pois com as crianças não podendo passar o dia no local por falta de comida, elas faltam ao serviço e acabam

demitidas. Questionada sobre quem estaria praticando os assaltos contra as creches, Alvina não soube responder. "Só sei que os assaltos acontecem e ninguém vê nada".

Nas duas escolas, embora não sejam registrados assaltos, os problemas também são muitos, mas os alunos acham que o principal deles é a falta de professores. De acordo com vários estudantes, os professores existem, mas deixam de comparecer para dar aulas por vários motivos, dentre eles o transporte coletivo e a falta de segurança no bairro, sobretudo à noite.

Quanto à superpopulação nos estabelecimentos de ensino, a Secretaria de Bem Estar Social, através dos seus assessores, informou que uma nova escola estará pronta até o final do ano, com capacidade para 1.000 alunos. Há, ainda, um quarto estabelecimento projetado para o próximo ano.

GAZETA NOS BAIRROS

APOIO

Caderneta de Poupança
Tripli
Dinheiro tranquilo

Valparaíso

Onde o sonho de viver bem é uma realidade.



Número de ônibus precisa aumentar

O transporte coletivo é outro problema enfrentado pelos moradores do bairro. Os ônibus só circulam superlotados, a tal ponto que os motoristas têm que parar para retirar passageiros pendurados nas portas traseiras. Além disso, os veículos frequentemente demoram até uma hora, aumentando incessivamente as filas nos pontos de embarque. Outra reivindicação é pela criação de uma nova linha, interligando o local a Carapina, no município da Serra, para onde centenas de operários têm que se deslocar para trabalhar, sendo obrigados atualmente a pagar quatro

Outra reivindicação dos moradores, dirigida ao Detran, é pela divisão da linha atual de ônibus em duas, a fim de melhor atender as duas partes do bairro (Itanhenga I e II), ambas densamente habitadas. Além disso, querem a criação de uma linha fazendo ligação com Carapina, com percurso através da rodovia do contorno. Os moradores contaram que o Detran já recebeu vários pedidos para solução dos problemas de transporte, mas nenhuma providência foi adotada. Quanto à criação de uma nova linha, fazendo ligação com Carapina, a resposta oficial, segundo contaram, foi de que

secretário do Bem-Estar Social, Luís Barros, disse que "quanto maior o número de igrejas, melhor".

A administração do bairro, que é coordenada pela Sebs, segundo Francisco Ramaldes, tem recebido constantemente abaixo-assinados de moradores reclamando da atuação de algumas igrejas pentecostais, cujos cultos são marcados por gritarias contra pessoas que "estão com espírito maligno". Como solução, a Sebs está retirando as igrejas irregulares. Foram transferidas 18 que estavam em áreas destinadas a construção de creches e outros lotes foram entregues a famílias carentes.

Morador não quer sair

Antes ele pagava Cr\$ 1.500,00 de aluguel por uma barraca de um cômodo no Alecrim. Agora, Pedro Amadeu Correia mora há mais de um ano numa pequena casa improvisada de estuque em Itanhenga e pelo menos não precisa desembolsar nenhum dinheiro a mais com este tipo de despesa. Nem daria. Casado e com dois filhos para criar, ganha por mês, trabalhando numa pedreira em Jucutuquara, cerca de Cr\$ 60 mil e só com passagens gasta Cr\$ 13.800,00. O que sobra é para a alimentação da família.

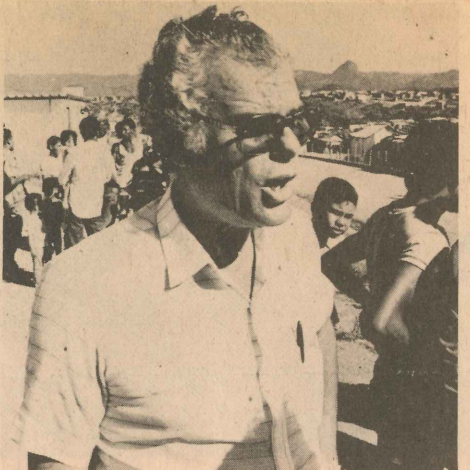
Ele é um entre os milhares que vivem em situação idêntica. Sem ter condição de pagar aluguel ou lugar para morar, a opção foi Itanhenga. Para construir o barraco, disse que não gastou nada, pois foi "madeira do mato e barro". Do lado de fora improvisou um fogão a lenha, onde a mulher cozinha.

Morando em Itanhenga há quase dois anos, Maria das Graças Santo Faria, além de ter de se contentar com o pequeno salário do marido, que trabalha como autônomo quebrando pedras, tem uma agravante para sua situação. Querendo ajudar no orçamento da família, ela trabalha como costureira, mas afirma que não dá para ganhar nada. É que a maioria das pessoas que a procuram é tão carente que fica com pena e não cobra nada pela costura.



Maria costura de graça

A creche Maria Rezende fica em Itanhenga I e a creche Lea Leal, na outra parte do bairro.



Ramaldes: "Mudaram tudo"

crianças não podendo passar o dia no local por falta de comida, elas faltam ao serviço e acabam



O projeto foi modificado

com capacidade para 1.000 crianças. Já, ainda, um quarto estabelecimento projetado para o próximo ano.



O começo até que foi bom

Ramaldes vê interesses eleitorais

"O projeto de Itanhenga era uma coisa, mas os interesses eleitorais fizeram com que o bairro chegasse à situação em que está atualmente". O desabafo é do administrador de Itanhenga, Francisco Ramaldes, que concorda plenamente em que o bairro não dispõe de qualquer infraestrutura e que muito precisa ser feito para que se dê um mínimo de condições de vida àqueles que ali residem.

Inicialmente, o administrador falou sobre a ocupação de Itanhenga. "Foi uma ocupação totalmente desordenada, sem obedecer a qualquer critério. Para se ter uma idéia, entre março e dezembro de 1982, o bairro recebeu ordenadamente três mil pessoas. Mas no período que vai de 22 de dezembro até 14 de março de 1983, mais de 20 mil pessoas vieram a se instalar em Itanhenga. Quando assumimos, fizemos um levantamento e encontramos pessoas com até uma quadra. Outras, com vários lotes, embora jamais po-

deriam estar sendo beneficiadas pelo programa", disse Ramaldes, acrescentando que isso fez com que o governo ficasse mal perante a opinião dos moradores e estes vivendo em péssimas condições.

Dentre os serviços já executados, Francisco Ramaldes destacou as redes de distribuição de água. "Em março de 83 tínhamos oito mil metros de redes e hoje já temos 23 mil. A Cesan já tem verba para ampliar este serviço, só dependendo da palavra final do BNH". No campo da educação, ele destacou que, no começo, o bairro só dispunha de três salas de aulas. "Hoje já temos dois colégios que atendem a mais de três mil estudantes. Sabemos que há excesso de alunos nas salas, mas até o final do ano, teremos mais uma escola, com capacidade para mil estudantes".

Referindo-se à ocupação do bairro, o administrador destacou que o projeto previa a

instalação de cinco mil famílias em lotes. "Cada família seria cadastrada e por ordem de inscrição, após levantamento do serviço social, elas iriam recebendo seus lotes, com um mínimo de infraestrutura. No começo, a coisa andou bem. Mas, depois das eleições de 82, a Secretaria do Bem-Estar Social distribuiu lotes indiscriminadamente, alojando famílias em locais sem as mínimas condições de habitabilidade".

Ramaldes revelou, ainda, que hoje a Secretaria do Bem-Estar Social está procurando atrair pequenas indústrias artesanais para o bairro, visando diminuir o desemprego e ocupar grande parte da mão-de-obra existente no local. "Já temos uma fábrica de bolas de futebol, com 20 empregadas. É nosso pensamento colocar aqui uma fábrica de laminados de borracha, uma de móveis populares e outra de farinha". Quanto ao calçamento das ruas não há nenhum projeto nesse sentido, informou o administrador.

Moradora quer aposentadoria

Com uma renda mensal de Cr\$ 25 mil e uma filha de 33 anos doente mental, dona Alvinha Costa e Silva, 64 anos, e o marido de 73 anos não tinham nada o que comer ontem no almoço. Desesperada com a situação de miséria, dona Alvinha fez um apelo: "Moço me ajude a conseguir minha aposentadoria. Já trabalhei muito para ajudar o governo e agora quero ter condições de continuar vivendo".

Precedente do Estado de Minas Gerais, dona Alvinha contou que, com a pensão de aposentadoria do marido, vem conseguindo, com bastante sacrifício, convencer alguns pequenos comerciantes a lhe vender fiado. No entanto, a condição que lhe é imposta sempre é que o fiado só pode ser fei-

to 15 dias antes do pagamento da pensão sair. Com isso, ela mesma indagou: "O que nós comemos nos outros 15 dias? Nada", ela mesma respondeu.

Caso consiga a tão sonhada aposentadoria dona Alvinha tem certeza de que pode diminuir o drama, a fome e o sofrimento da filha doente, Alair Ferreira de Souza, que já esteve internada no hospital Adauto Botelho, por duas vezes, e perdeu vários quilos de peso, devido à desnutrição. Alvinha já procurou, algumas vezes, o posto do INPS, no bairro de Campo Grande, onde tentou conseguir sua aposentadoria, mas disse que não teve resposta favorável. Sem ter a quem recorrer, ela fez o apelo: "Esta é nossa chance, através da 'Gazeta nos Bairros'. Ajude a nós".



Dona Alvinha ficou sem comer

operações têm que se deslocar para trabalhar, sendo obrigados atualmente a pagar quatro passagens por dia.

O biscateiro José Pereira da Silva, há um ano desempregado, contou que tem que sair de casa às 5 horas, para conseguir chegar em Gurigica, no município de Vitória, às 7 horas, onde faz serviços de carpintaria. Contou que, várias vezes, chegou ao trabalho atrasado, por não ter condições de entrar nos ônibus completamente lotados.

Aos sábados, domingos e feriados, a viação Planeta — responsável pelo atendimento no bairro — reduz a frota de coletivos e, com isso, a situação piora ainda mais. Os ônibus circulam em intervalos de até 1h20m, levando transtorno e revolta aos moradores. Os problemas e deficiências no serviço já chegaram a tal ponto que, segundo José Guilherme da Silva, passageiros inconformados por não poderem ter acesso aos veículos, já apedrejaram vários coletivos.

Quando chove, os moradores ficam completamente isolados do serviço de transporte, uma vez que devido ao estado lastimável no acesso ao local, os veículos não podem entrar ou sair do bairro. Para atenuar o problema, a Prefeitura de Cariacica colocou pó de pedra no trecho onde o trânsito é mais difícil em dias de chuva, mas o problema não foi solucionado, conforme José Pereira da Silva.

Horta comunitária não é implantada

Com aproximadamente a metade da população desempregada, Itanhenga quer meios para dar condições de sobrevivência a seus moradores. Uma das alternativas apontadas — conforme fora planejado para o local — é o incentivo para a construção de oito hortas comunitárias, cujas áreas foram destinadas a esse fim, mas nada foi plantado ainda.

No local já está sendo construído um prédio, onde funcionará, a partir do próximo mês, uma pequena indústria de bolas de couro e que dará emprego a cerca de 100 mulheres. Está em cogitação a montagem de uma fábrica de mariolas que dará trabalho a 300 pessoas, entre crianças e adultos. Essas medidas são elogiadas pelos representantes comunitários, mas eles querem outras alternativas, visando a acabar com o elevado índice de desemprego do local.

HORTA

De acordo com Vandellino

Francisco de Jesus, as hortas comunitárias seriam de grande importância para a comunidade de Itanhenga, já que, através delas, seria possível abastecer as creches e as duas escolas com verduras e legumes, além de beneficiar diretamente inúmeras famílias. Apesar disso, a Secretaria da Agricultura foi procurada para fornecer equipamentos e materiais para a construção das hortas, mas a resposta foi negativa, segundo contou Jorge Barroso Telles.

Outra reclamação dos representantes da comunidade está relacionada com o desprezo e indiferença com que são tratados nos órgãos públicos oficiais. Segundo contou Jorge Barroso, tanto na Secretaria da Saúde quanto na do Bem-Estar Social e outros, as autoridades "nunca se mostram sensíveis para resolver os problemas do bairro. O secretário Dirceu Cardoso (da Segurança) já disse, inclusive, que quer ver isso daqui pegar fogo em tudo".